

Pelo fato de a Revista Cronos apresentar como Dossiê as questões: Utopia e Cidade; achamos conveniente formular três perguntas pontuais sobre a problemática do Medo e da Utopia para alguns pesquisadores envolvidos com a temática.

Patrick Le Guirriec – Université François Rabelais à Tours (France)
Professor visitante estrangeiro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Traduzido por Maria Aparecida Antunes de Macedo

Edmilson Lopes – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Márcio Valença – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Entrevistados por Alex Galeno – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

PERGUNTAS

- 1 – Como analisa a problemática do Medo no mundo de hoje, destacadamente, nas cidades?
- 2 – Que cenários vislumbraria para as cidades no século XXI?
- 3 – Em que tipo de cidade desejaria viver?

RESPOSTAS DE PATRICK L. G.

1 – Na medida em que o sentimento de medo é uma construção social, a sua problemática nas cidades contemporâneas reveste formas muito diversas em dependência dos lugares e dos grupos sociais envolvidos.

A despeito desta diversidade, o sentimento de medo é sempre ligado à representação que se faz do Outro e do estranhamento. O fenômeno de urbanização que não para de crescer, produz heterogeneidade sociocultural cada vez mais importante, e uma multiplicação das figuras do Outro. Isto tem duas consequências: o afastamento destes que nos parecem diferentes, por suas origens, seus hábitos ou suas características socioculturais, e simultaneamente uma aproximação espacial, e algumas vezes social, destes que se sentem próximos uns dos outros. Este fenômeno foi observado a partir dos anos 1950 para Peter Wilmott nos bairros pericentrais de Londres, que se caracterizavam por relações de afastamento entre “ricos” e “pobres”. O sentimento de medo é, por conseguinte estritamente relacionado às representações de diferentes entre os grupos de população que ocupam a cidade. Quanto maior for a cidade, maior será sua heterogeneidade, mais intenso será o estranhamento e mais desenvolvido será o sentimento de medo.

2 – O exercício de prospectiva é sempre arriscado e os pesquisadores em ciências sociais enganaram-se tanto no momento que o tentaram, a tal ponto de se dizer que eles falharam até mesmo em “prever” o passado.

De uma perspectiva pessoal, minhas observações sobre a cidade não me deixam muito otimista quanto ao futuro da sociedade que está se construindo; mesmo que não exista um modelo de evolução urbana que seja generalizável no conjunto de cidades do mundo. Basta observar os usos dos centros urbanos em certas capitais dos países sul-americanos para se convencer deste fato. À noite sobrevivendo, ausentando sua atividade diurna preponderantemente comercial, o centro é abandonado, tornando-se um espaço de atividades marginais e ilícitas. Contrariamente a esta situação que se observa em muitas cidades sul-americanas, encontramos outras onde os seus centros permanecem lugares de uma intensa vida social, frequentados indistintamente por todas as camadas da população.

Mesmo que se trate de um fenômeno dificilmente mensurável, a segregação socioespacial, que existiu sempre na cidade, parece, no entanto constituir uma tendência cada vez mais marcante na organização das populações, e o pior cenário que se poderia entrever para o futuro das cidades, seria uma tão somente justaposição de espaços fechados ocupados para populações homogêneas, fato que produziria um enfraquecimento da cidadania e do sentido da coisa pública.

3 – Se fosse necessário escolher uma cidade, aquela onde eu pensaria viver seria exatamente a que eu escolhi para construir minha casa, lá onde sou ancorado, uma cidadezinha de 1500 habitantes, na proximidade dos lugares que eu descobri sendo criança, onde tive as minhas experiências iniciais e que desde então atuam em seu papel de início da minha relação com o mundo, transformando-se em referência. Para além de um lugar de estabilidade, de encontro com a minha família e meus amigos, essa cidade é, antes de tudo, um refúgio físico, sentimental e simbólico onde seria impossível minha permanência durante todo o ano. Tenho necessidade de conhecer horizontes longínquos, de frequentar as capitais históricas cujo desenvolvimento deixou suas marcas no mundo, de passear de maneira anônima nas cidades que se qualificam como “globais” (S. Sassen), tanto como de descobrir regiões, populações que parecem fora do mundo.

Eu costumo dizer que viajo com minhas raízes, para traduzir o fato de que eu consigo adaptar-me quase em todos os lugares, mas para isto é preciso que eu saiba da existência de minhas referências. Ter a consciência de minha localização no mundo constitui um instrumento que permite a procura de experiências culturais sempre diferentes.

RESPOSTAS DE EDMILSON LOPES JÚNIOR

1 – Estudos clássicos realizados por historiadores, como aquele desenvolvido por Lucien Febvre, apontam o quanto o medo fazia parte do cotidiano dos homens e mulheres na Europa, no início do século XIV. O medo era socialmente disseminado. E tinha referentes concretos: as relações com o(s) desconhecido(s), não raramente, tinham conseqüências desastrosas. A modernidade, ao desencaixar nossa vida do entorno social, fez do estranho próximo. O medo foi, então, re-configurado. Tememos não mais pessoas ou grupos desconhecidos, mas o que pessoas e grupos que conhecemos (ou pensamos conhecer) podem fazer conosco e com os que estão ao nosso redor. Paradoxalmente, tememos mais por, supostamente, conhecermos mais.

Podemos, então, dizer, seguindo aqui uma pista colocada por Anthony Giddens, de que o medo, na nossa sociedade, foi “manufaturado”. Deixou de ser o medo da natureza e das forças ocultas ou ainda de grupos desconhecidos, mas o medo do desenrolar das ações de conhecidos, inclusive de nós mesmos.

Ora, o aumento de nossa sensação de insegurança, algo passível de ser apreendido em “pesquisas de vitimização”, que levam em conta as percepções e as representações das pessoas, é um fato inconteste. As pessoas se sentem, cada vez mais, inseguras e temerosas. E esse é um medo “manufaturado”,

isto é, é produzido pelo próprio mundo social. Não é uma reação aos perigos do mundo natural e do desconhecido, como era comum nas sociedades pré-modernas. Expressão maior dessa insegurança, o medo é a contra face da nossa necessidade de controlar o futuro e de ter respostas razoáveis sobre o nosso futuro mediato.

Bom, dito isso, podemos afirmar que a sensação de insegurança aumenta de forma desproporcional ao aumento daqueles indicadores tradicionais de medição da violência (número de homicídios, roubos, assaltos, etc.). Não que estes últimos não estejam crescendo. Estão em certo sentido. Mas é preciso sempre ter certos cuidados nas análises dos dados estatísticos comumente produzidos sobre a violência. Por exemplo, um dado fundamental: qual o período de tempo coberto por essas estatísticas?

O que eu quero dizer é que a sensação de insegurança relaciona-se com outros fatores além dos indicadores de violência. Uma crise econômica como a que começamos a viver, por exemplo, aumenta a nossa incerteza diante do futuro, de nossos projetos de vida, e, em consequência aumenta a nossa sensibilidade em relação à insegurança.

E como é isso em Natal? Há, aqui, um crescimento, por exemplo, do número de homicídios. Mas eles estão ocorrendo onde? Quem são as vítimas? Quem são os agressores? Ora, quando nós os analisamos sabemos que eles ocorrem em regiões da cidade bem delimitadas, mas pessoas que nunca viram um assassinato em suas ruas, passam a ser dominadas pelo medo quando acompanham o noticiário a respeito de tais ocorrências...

2 – Não poucos analistas do urbano contemporâneo têm optado, quase com prazer, em pintar cenários distópicos para o futuro de nossas cidades. A emergência de graves e dramáticas questões ambientais, as quais trarão importantes mudanças demográficas (como deslocamentos populacionais em massa), constitui o pano de fundo dessas elaborações. Mas, no fundo, apesar da roupagem pós-moderna, essas são produções que expressam a velha tradição marxista de predizer o futuro a partir de uma suposta apreensão dos cenários que resultarão do desdobramento das ações desenvolvidas pelas forças sociais que atuam no presente. Há pouco espaço para a imprevisibilidade aí. E também para se levar em conta as consequências não intencionais (e não desejadas) das ações dos atores.

Talvez valesse a pena chamar a atenção para o fato de que estão localizadas nas cidades as forças sociais e os atores que têm se colocado o desafio de construir alternativas às tendências mais sombrias do desenvolvimento econômico. Esse o caso, por exemplo, do ativismo ambiental.

O acima exposto serve como mote para o seguinte: não há uma direção única e inescapável para o desenvolvimento das cidades. Atores locais fazem a diferença. E há sempre formas de (re) encaixar a

vida social. Momentos e movimentos de re-territorialização de forças arrancadas do seu chão pelo que chamamos comumente de globalização.

3 – Essa pergunta é uma armadilha... A pieguice quase nos domina e não é fácil fugir aos lugares-comuns. Sim, todos queremos uma cidade na qual possamos usufruir mais de espaços públicos, os automóveis sejam banidos e o transporte público tenha qualidade. O que fazemos para ter tal cidade? Sendo mais pragmático, e um pouco realista, gostaria de viver os anos que virão (que eu espero que sejam muitos!) em uma cidade com uma oferta maior de bens culturais e onde pudéssemos ter uma relação mais equilibrada com o tempo.

RESPOSTAS DE MÁRCIO MORAES VALENÇA

1 – Cidade é um termo genérico para um sem número de situações em que população, edificações e infra-estruturas compõem contextos econômicos, políticos, institucionais, sociais e culturais diversos. Há cidades de todos os tamanhos e tipos. Há metrópoles, grandes, médias e pequenas cidades, só para mencionar algumas expressões que se referem à escala, como há cidades-região, cidades mundiais, globais, regionais, policêntricas e outras denominações que, além da escala, referem-se a outras características econômicas, sociais etc. A escala da cidade é um aspecto importante na análise da temática do medo. A cidade que cresce perde o seu caráter provinciano, interiorano. As pessoas deixam de, necessariamente, conhecer todas as outras. A cidade se transforma na cidade da impessoalidade, do convívio entre estranhos, dos encontros fugazes sem afeto, mediados que são por relações institucionais e/ou de troca no mercado, mesmo tratando-se das coisas simples do cotidiano. Para ter pão à mesa, importa cada vez menos conhecer o dono da venda ou da padaria. Descobre-se, assim, o Outro, essa figura estranha, afastada, distante, incômoda, desconfortante. Descobre-se o medo.

No mundo contemporâneo de tantas informações (ou das cidades “informacionais”, como diria Castells), quase sempre on line ou ao vivo, certos espaços de vivência se expandem para além dos limites da cidade ou da cidade na qual se vive ou está. Muito do que se vê na TV, ouve-se no rádio, acessa-se na internet ou conversa-se no telefone, em particular no celular, é transposto para a realidade local sem filtro. Assim, o conjunto de ocorrências de outros lugares e cidades mundo afora, ou mesmo os próximos, são incorporados ao cotidiano de todos nós, muito na forma de fobias, numa espécie de esquizofrenia urbana. Vê-se, por exemplo, expandir a “arquitetura defensiva” com toda a sua parafernália

de grades, muros, grampos, arames farpados, cercamento elétrico e/ou eletrônico, vigilância etc., em lugares, cidades e bairros onde há poucos registros de ocorrências violentas ou criminosas. As cidades transformam-se, com isso, em extensos desertos de ruas vazias de pedestres, em particular nas áreas de residência das elites e classes médias. Desaparece o espaço público das ruas e calçadas, tão valorizado por Jane Jacobs em sua crítica à cidade modernista. Mas vejam que são diferentes os espaços populares residenciais e comerciais, mesmo porque falta aos seus usuários o poder da opção. São diferentes os centros de cidade degradados com sua intensa vivência popular que técnicos do urbanismo, intelectuais e outras elites não conseguem enxergar (daí dizerem serem os centros vazios!), definindo-os como problemáticos nos seus planos de revitalização (gentrificadores?). Trata-se, isto sim, de segregar o Outro e, com isso, expurgar o medo das proximidades.

2 – Num número especial de 2006 da *New Left Review* sobre as “Desordens Metropolitanas”, o editorial indica uma mudança paradigmática no mundo capitalista atual: com o domínio do capital financeiro, a paisagem urbana é destruída e refeita numa velocidade estonteante. Destacam-se, por um lado, a produção vertical da cidade com grandes “torres” emblemáticas das grandes empresas e dos ricos; e, por outro, a proliferação horizontal de favelas onde se acomoda um crescente número de trabalhadores informais. Alguns grandes conjuntos habitacionais permanecem como relíquias de uma era de domínio do Estado desenvolvimentista. Mais adiante, num artigo bastante provocativo e elucidativo, Mike Davis investiga o que está por trás de toda a riqueza que se encontra em construção em Dubai, nos Emirados Árabes: a espoliação do trabalho de imigrantes. Em meio a tanta riqueza de seu urbanismo espetacular de tantos edifícios e construções magníficos (os maiores do mundo em quase todos os aspectos), vivem, mal pagos e em condições degradantes, milhares de trabalhadores. Submetem-se ao regime do Xequê e sua lei draconiana. E mais: permanecem longe dos olhos dos visitantes e moradores ilustres, escondidos em habitações e alojamentos provisórios e improvisados. Dubai é apenas, talvez, o caso mais extremo de uma situação de “desenvolvimento desigual e combinado” que tem se alastrado mundo afora. Sendo o mundo hoje crescentemente urbano, essa desigualdade manifesta-se mais radicalmente nas principais cidades mundiais e, em particular, nas cidades terceiro-mundistas. Assim, em linha com o pensamento de autores como Sharon Zukin e David Harvey, a produção do espaço na cidade contemporânea retorna ao urbanismo espetáculo como estruturante de uma nova onda de segregação cujo resultado será uma cidade tanto cosmopolita quanto desigual.

3 – Na cidade da diferença, ao mesmo tempo, cosmopolita e provinciana, onde se possa ter uma vivência expandida, respeitosa e impessoal com o Outro e uma vivência particular e próxima com os

seus. Nesta cidade, essa escolha se pauta na ética, no gosto e na preferência, já que em nossa igualdade cidadã somos todos indivíduos distintos, não nas distinções “étnicas” ou outras classificações fechadas de classe ou grupo. Esta cidade, para se estabelecer, requer um desenvolvimento histórico-geográfico bem menos desigual do que o atual, desenvolvimento que só pode vir a existir com intensa participação social.